

SIGNIFICADOS, SENTIDOS E CONTRA-CONCLUSÕES DO (MEU) SER BICHA PRETA

MICAEL OLIVEIRA MARQUES¹

ALEXANDRE DE OLIVEIRA FERNANDES²

RESUMO

Durante muito tempo – e em alguns contextos ainda – palavras como “viado”, “mulherzinha”, “bicha preta”, entre outros “insultos”, foram direcionadas a corpos como o meu, que interseccionam negritude e homossexualidade, no intuito de estigmatizar (nossa) identidade³. Neste ensaio-teórico, eu, bicha preta, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB), pesquisadora das relações entre saúde mental e vivências escolares de (nós) bichas pretas no Ensino Médio, me proponho a refletir acerca dos significados e sentidos da expressão “bicha preta”, atrelando o seu uso a uma potência emancipatória, afirmativa e de resistência. Em suma, a discussão (en)via(dada) desse ensaio gira em torno da máxima de que as bichas pretas estão para-além-do-seu-trauma, que elas são – e estão – com tudo!

Palavras-chave: Bichas Pretas; Corpos; Resistência.

“BICHA PRETA”: INSULTO OU AFIRMAÇÃO?

Segura a reflexão butleriana – articulada com outras monas⁴ – da gata...

PRIMEIRA NOTA. A minha inspiração para o formato que adotarei neste ensaio são os textos do livro “*Ñ Ñ NOS MATAR AGORA*”, de Jota Mombaça (2021). Nascida e criada no nordeste brasileiro, ela é uma escritora e artista visual que centra seus debates na descolonização e no racismo, através de um cruzamento

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC/UESB, Campus de Jequié-BA. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Linguagens, Poder e Representação – GELPOC. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 88887.694862/2022-00. Endereço eletrônico: micaelmarques.psi@gmail.com.

² Doutor em Ciência da Literatura (UFRJ). Professor de Língua Portuguesa no IFBA/Porto Seguro. Líder do Grupo de Pesquisa em Linguagens, Poder e Representação – GELPOC. Endereço eletrônico: alexandre.pro@gmail.com.

³ Tacharei a palavra “~~identidade~~” ao longo deste texto porque estou usando a expressão “bicha preta” como gênero que escorrega, escapa, foge, transcende a Lei da Lei do Gênero (DERRIDA, 2019), como uma coisa que não esteja baseada na integridade – de inteiro, de identitário – do sujeito, mas em sua quebra (MOMBAÇA, 2021). Penso dessa forma, rasurando e relativizando a identidade, conforme Hall (p. 104) alerta ao escrever que “a identidade é um desses conceitos que operam “sob rasura”, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem sequer ser pensadas”.

⁴ Em Pajubá “mona” significa “mulher” ou “gay afeminado”. O Pajubá é um dialeto ou criptoletto que utiliza palavras e expressões provenientes de línguas africanas ocidentais, utilizado popularmente pela comunidade LGBTQIAP+ (sigla que representa a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer People, Intersexuais, Assexuais e Pansexuais, entre outras possibilidades de orientações sexuais e identidades de gênero).

(multi)dimensional de classe social e ~~identidade~~ de gênero. Define a si própria como “bicha não-binária” e parda.

SEGUNDA NOTA. Eu escrevo – e pesquiso – para me curar, porque já me doeu tanto ser eu, em alguns momentos da minha existência, que apenas viver – e estar vivo, embora seja um ato de contra-violência sistêmica da branquitude e do fundamentalismo heterocisnormativo – não é suficiente. Busco escrever para viver; uma via de extravasar; de (r)existir. Teorizar meu eu, meu corpo, como via – de preta-viadagem mais-que-viva – é o que tenho interpretado ser importante na escrita feminista negra, *queer/cuir* e decolonial.

A primeira vez em que vi a expressão “bicha preta” sendo usada de forma positivada foi em uma postagem no Instagram do Afrobapho⁵, em meados de 2020. Lembro de estar rolando a *timeline* até aparecer o perfil como sugerido, divulgando uma chamada pública para submissão de trabalhos para compor o escopo do livro *Bixas Pretas: dissidências, memórias e afetividades*⁶, organizado por David Souza, Daniel dos Santos e Vinícius Zacarias, que seria lançado em 2022. Naquele momento, algumas memórias “dos tempos da escola” foram remontadas e desbloqueadas involuntariamente. As memórias a que me refiro são *flashes* com voz e entonação específicas – ofensivas, diga-se de passagem. Naquele instante, me dei conta de que uma palavra como essa, “bicha preta”⁷, em contextos diferentes, assume sentidos diferentes.

Até aquele exato segundo da minha existência, a palavra acionava dor e raiva; era uma palavra já usada como insulto que causava incômodo. Talvez me localizasse em alguma parte do processo do auto-ódio que nós, negros, vivemos em algum momento, em virtude do racismo, antes de iniciar o processo de descolonização do eu (VEIGA, 2019). No entanto, viria a ressignificar e assumir (a palavra) no sentido

⁵ O Coletivo Afrobapho surgiu em novembro de 2015, com a proposta de dialogar sobre questões de raça/etnia, gênero e sexualidade, de maneira interseccional, por meio da arte e da cultura. Oriundo do Nordeste brasileiro, os objetivos e narrativas do coletivo se expressam através performances, dança, música e audiovisual, desenvolvidas principalmente por corpos dissidentes. A principal plataforma de divulgação das produções é o Instagram oficial do coletivo: @afrobaphooficial.

⁶ É possível acessar a proposta a que me refiro através do link: <https://bit.ly/3Djl52k>.

⁷ Fiz extensiva pesquisa em relação à grafia da palavra bicha/bixa e não há um consenso quanto a sua escrita. Acredito que essa variabilidade traz ainda mais potência ao termo, que não se encerra em uma única grafia e encoraja às bichas/bixas a não encerrarem sua ~~identidade~~. Opto aqui pela grafia “bicha”. Os motivos? Como diria Urias e Vírus na sua canção *Pode Mandar* (2022): É porque “eu, eu, eu quero...”.

queer/cuir, emancipatório e potente que operava no perfil do Afrobapho. A compreensão da expressão “bicha preta” como forma de resistência⁸ e positivação foi fundamental para que eu repensasse meu existir.

TERCEIRA NOTA. Gostaria de convidá-lo a se atentar a certos detalhes do texto. Nos parágrafos seguintes, quando for me referir à “bicha preta” como insulto, assumindo o sentido que eles usavam, empregarei a palavra “palavra” antecedendo-a. Em contrapartida, quando for assumir o sentido positivado da terminologia “bicha preta”, usarei a palavra “expressão” à sua frente, atribuindo-lhe o sentido performativo – que é capaz de problematizar o gênero como gênero (performance de gênero) – e transgressor. É nessa dinâmica que algo poderoso se demonstra, se revela; portanto, desafia o sistema binário e maniqueísta – para o qual a “bicha preta” representaria o mal, a dissidência, o “diabo em forma de gente”. Esse performativo transgressor do gênero, penso por via do que propõe Rodrigues (2012) no seu texto *Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida*.

Quando falo dos sentidos que a palavra bicha preta possui, falo do fenômeno da sujeição. Acerca do poder de sujeição que tem o verbo – emprego verbo aqui como sinonímia às palavras “palavra”, “lexema”, “discurso” –, Butler, em seu livro *A Vida Psíquica do poder: teorias da sujeição* (2017), argumenta:

Consideremos a força dessa dinâmica de interpelação e desconhecimento quando o nome não é um nome próprio, mas uma categoria social, e, portanto, um significante capaz de ser interpretado de várias maneiras divergentes e conflitantes. O chamado “mulher”, “judia”, “queer”, “preta” ou “chicana” pode ser ouvido ou interpretado como **afirmação** ou **insulto**, dependendo do contexto em que ocorre (e contexto, aqui, é a historicidade e a espacialidade efetivas do signo). **Na maioria dos casos em que um nome assim é chamado, a pessoa hesita sem saber como responder ou se deve responder**, pois o que está em jogo é se a totalização temporária realizada pelo nome é politicamente facilitadora ou paralisante, se a forclusão – aliás, a violência – da redução totalizadora da identidade realizada por aquele chamado específico é politicamente estratégica ou regressiva ou, se paralisante e regressiva, também facilitadora de alguma maneira (BUTLER, 2017, p. 103, grifos nossos).

Em uma sociedade supremacista branca e heterocisnormativa – que coloca o homem-hétero-branco como via – corpos que possuem negritude e

⁸ Emprego “resistência” aqui como conjunto de ações que oportunizam liberdade sobre si, usando a chave de refletir criticamente sobre seu corpo como um corpo (des)viado que existe e é político por si só, e não necessariamente se encerra em uma identidade que se constitui por (apenas) resistir às estruturas sociais – mas que, dialeticamente também o faz.

homossexualidade como marcas, sobretudo interseccionalmente, são lidos como corpos desviantes, menores e abjetos (MOMBAÇA, 2021; VEIGA, 2019). Nesse ideário constituinte social, a escola atua como dispositivo do poder potente para perpetuação de disciplina, punição e, por conseqüente, violência para os corpos dissidentes (FOUCAULT, 1987).

O que me motiva a levar a sério – e a frente – uma pesquisa que vise compreender as relações entre vivências escolares e saúde mental de bichas pretas no Ensino Médio são as lembranças de apelidos como “viado”, “bichinha”, “mulherzinha”, “bicha preta” – e alguns outros – direcionados ao meu corpo, desde jovem, na escola, antes mesmo de compreender efetivamente o significado dessas palavras. Essas palavras compunham o meu repertório como ofensa (uma violência simbolizada) e evidentemente influíram sobre a construção da minha subjetividade. *Eles* sentiam-se autorizados a usar essas palavras como insultos, com o objetivo evidente de me ridicularizar publicamente e estabelecer uma espécie de aviso para outros corpos desviantes que caso não se normalizassem sofreriam as mesmas sanções. Esses corpos também podem ser lidos como testemunhas da violência (“nomeadas” aqui não como responsáveis ou cúmplices de uma situação de violência contra a/uma bicha preta, mas como vítimas colaterais componentes da dinâmica estrutural e paralisante da violência).

QUARTA NOTA. Menciono essa dinâmica, pois durante muito tempo me questioneei o porquê de ninguém nunca ter intervido efetivamente – com ninguém quero dizer outros/as colegas, professoras/es, funcionários/as da escola – quando eu estava em uma situação de vulnerabilidade, vítima da violência simbólica, da brutalidade do sistema heterocisnormativo, sobretudo branco. O nó na minha garganta ao lembrar dessa questão desatou-se somente após a leitura do livro *Teoria Queer: uma aprendizagem pela diferença* (MISKOLCI, 2012) e do texto anexo a mesma obra *A guerra declarada contra o menino afeminado*, de Giancarlo Cornejo.

Ainda analisando a palavra – o discurso – e a sua capacidade de sujeição (BUTLER, 2017), convido Pais (2018) à discussão, pois, o autor compreende o apelido como demarcador de ~~identidade~~ que metafórica e simbolicamente estigmatiza quem habita nele. Esse é um recurso discursivo potente que visa inferiorizar indivíduos. No contexto escolar, apelidos de teor pejorativo operam como forma

de exercer poder e controlar performances sociais desviantes.

Ser taxada de “bicha preta”, de alguma maneira, paralisa. “Na maioria dos casos em que um nome assim é chamado, a pessoa hesita sem saber como responder ou se deve responder” (BUTLER, 2017, p. 103), pois sujeições ocorrem. Modos de ser, estar, sentir(-se) e perceber o mundo são afetados – no sentido de danificar a subjetividade, sem afeto. Ao entender que ser “viado”, “bichinha”, “mulherzinha”, “bicha preta” significavam algo negativo, internalizei tais palavras como insultos, atribui esse significado e sentido como definidor de parte importante da minha identidade.

O que quero dizer é que embora a palavra “bicha preta” por muito tempo tenha sido para mim um insulto, hoje é uma expressão que evoca afirmação. Posso dizer que “liguei o pisca-alerta”⁹ e mudei a chave de sentido que a expressão possui. Na coalização do pensamento de Foucault e Butler, então, considero que,

as inversões de “mulher” e “mulher”, de acordo com o modo de encenação e abordagem de cada representação, e de “queer” e “queer”, de acordo com seu modo patologizador ou contestador. Os dois exemplos dizem respeito não a uma oposição entre o uso reacionário e o uso progressivo, mas sim a um uso progressivo que exige e repete o uso reacionário com o objetivo de efetivar uma reterritorialização subversiva. Para Foucault, então, **o aparelho disciplinar produz sujeitos, mas, como consequência dessa produção, traz ao discurso as condições para subverter o próprio aparelho. Em outras palavras, a lei se volta contra si mesma e produz versões de si mesma que se opõem aos propósitos que a colocam em ação e os proliferam.** Então, a pergunta estratégica para Foucault é: como administramos as relações de poder pelas quais somos administrados, e em qual direção? (BUTLER, Judith, 2017, p. 107, grifos nossos).

Longe de desejar responder à questão disparada nas três últimas linhas da citação acima, mas, usando a questão como recurso para seguir na discussão, sinalizo, como quem quer destruir tudo: nós, “bichas pretas” – fora e dentro da academia – temos tentado incansavelmente subverter o aparelho dentro de nossas possibilidades, com o corpo, com o performativo, com a escrita, com a arte e com a resistência às atualizações da violência sistêmica da branquitude e do fundamentalismo cisgênero. À nossa maneira, estamos jogando com a lei e a Lei da Lei do gênero (DERRIDA, 2019). Estamos gritando: Não nos matarão! Estamos aqui (r)existindo como dá – dando em todos os sentidos.

⁹ “Ligar o pisca-alerta” em Pajubá significa “voltar a si”, “acordar”, “ter um insight”.

BEE¹⁰, ELAS SÃO – E ESTÃO COM – TUDO!

O que é necessário para mudar a chave: afirmação como meta (?)

QUINTA NOTA. Em *A Lei do Gênero*, Derrida (2019, p. 251) proclama: “NÃO MISTURAR os gêneros. Não misturarei os gêneros. Repito: não misturar os gêneros. Não o farei. Suponham agora que eu deixe esses enunciados ressoarem sozinhos”. De forma bastante simplória – uma vez que preciso me ater a discutir o que me proponho – posso dizer que Derrida discute que os gêneros (em todos os sentidos que você imaginar) não estão em um “mar de éter”, distantes uns dos outros, eles [os gêneros] são dobras e dobras de dobras que se misturam – e devem se misturar! Nessa seção, misturarei alguns gêneros (textuais) para discutir o que é necessário para mudar a chave da terminologia “bicha preta” de palavra (insulto) para expressão (afirmação). Peço-lhe atenção a este jogo argumentativo. Evidentemente, este não é uma espécie de Manual Ético da Ressignificação Preta-Bicha, são rotas de fuga para assumir a (nossa) potência e se (re)potencializar. Assumo o caráter experimental, performativo, político e (auto)analítico do (meu) processo aqui. Logo, falarei de aproximações poéticas e epistêmicas que me foram valiosas.

Posso dizer que o emprego afirmativo que vi na página do Afrobapho, da expressão bicha preta, me inspirou a fazer o que faço hoje – pesquisar e escrever sobre nós. Acredito, inclusive, que esse texto é uma forma de resistir a uma pergunta perturbadora feita por uma professora envolvida no processo avaliativo do Programa que estou vinculado, branca, heterossexual, heterocisnormativa, de classe social privilegiada, que ao ouvir sobre minha temática de pesquisa, questionou: “você quer naturalizar uma palavra tão forte como bicha preta?”. Na sua cabeça a “bicha preta” não era expressão, era palavra. Então, aproveito a oportunidade para dizer à professora – e a quem mais possa ser necessário: Não me/nos despotencialize! Embora falemos do mesmo radical, são sentidos – e chaves – diferentes. O que essa “bicha preta” quer dizer para as “bichas pretas” é: sejam “bichas pretas” e encarem essa quebra do sistema que nos quer anuladas, mortas, inexistentes como ato político e emancipatório.

¹⁰ “Bee” em Pajubá é uma forma de chamar alguma mana gay com que se tem certo vínculo de amizade.

Um caminho para mudar a chave da palavra à expressão, é se aproximar de narrativas que a posicione nesse sentido. É preciso estar com o corpo viado desviado de produções eurocêntricas, euroamericanas e heteroterroristas. Para compreender esse processo, precisei, por exemplo, voltar os olhares para “as diásporas da bixa preta”, de Lucas Veiga (2019); para a música-poema de Linn da Quebrada (2017); para a proposta de não se deixar ser morta, de Jota Mombaça (2021). Butler (2017) me deixou como lição que somente assim se subverte o aparelho disciplinar que produz sujeitos e a lei volta-se contra si mesma. Esse movimento representa o apocalipse do sistema.

SEXTA NOTA. Como já expliquei, os gêneros se misturam. Aqui o gênero textual música “contaminará” o gênero textual ensaio. Em seus versos da canção *Bixa Preta*, Linn da Quebrada (2017) transforma a “bicha preta” de palavra (insulto) em expressão (afirmação) ao ilustrar:

Bixa estranha, louca, preta, da favela
 Quando ela tá passando, todos riem da cara dela
 Mas, se liga macho, presta muita tenção
 Senta e observa a sua destruição
 Que eu sou uma bixa louca, preta, favelada
Quicando, eu vou passar
E ninguém mais vai dar risada
Se tu for esperto, pode logo perceber
Que eu já não tô pra brincadeira
Eu vou botar é para f****
 [...] BIXA PRE-TRA-TRA-TRA-TRA!" (QUEBRADA, 2017, grifos nossos).

Linn é cantora, compositora, atroz¹¹ e ativista social brasileira. Nascida e criada em São Paulo, em uma família religiosa (Testemunha de Jeová), acreditava que ser uma pessoa LGBTIQIAP+ era algo errado, pecado. Primeiro, identificou-se como gay, depois como travesti. Define-se como trans, preta e periférica. Performer e terrorista de gênero.

Compreendendo a existência da “bicha preta” como potência de vida, Veiga (2019) alerta que em uma sociedade que carrega consigo racismo, machismo e LGBTIQIAP+fobia, entre outras formas de opressão, a possibilidade de se reconhecer como “bicha preta” na chave da afirmação é reconhecer que:

Viver é poder não atender a esse apelo mortífero do mundo branco-heteronormativo. Nossas vidas são sementes de um mundo porvir e

¹¹ Linn da Quebrada define-se como atroz, enquanto profissão. Em entrevista à BBC Brasil, ela diz: “Nem ator, nem atriz, atroz”. Link para entrevista: <http://glo.bo/3guHh0k>.

granadas para a destruição do mundo atual. **Carregamos em nós essa ambiguidade apocalíptica.** [...] **Os coletivos de bixas pretas, a amizade com as irmãs pretas hétero e lgbts as relações amorosas saudáveis e as religiões de matriz africana são estratégias de sobrevivência, suporte para a vida cotidiana, afago para a solidão que nos toma ao anoitecer, e desempenham papel importante na reparação dos danos que as diásporas causaram em nossas subjetividades** (VEIGA, 2019, p. 92, grifos nossos).

Lucas Veiga é psicólogo, mestre em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisa sobre saúde mental, questões raciais e anticoloniais. Homem cisgênero, “bixa preta”, engajado na disseminação de uma psicologia preta no Brasil. Em seu texto *Além de preto gay: as diásporas da bixa preta* (2019), o autor articula seu pensamento com o de Jota Mombaça (2021). Acredito que valha a repetição do trecho aqui para que a ideia ressoe, quebre-se e como vidro quebrado, estilhaça-se:

Eles virão para nos matar porque não sabem que somos imorríveis, **não sabem que nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras.** Sim, eles nos despedaçarão porque não sabem que **uma vez aos pedaços nós nos espalharemos, não como povo, mas como peste, no cerne mesmo do mundo e contra ele** (MOMBAÇA, 2021, p. 28, grifos nossos).

Apesar do corpo das “bichas pretas” serem tidos como inimigos, abjetos, existimos e resistimos simultaneamente. Persistimos sempre para que não nos encerrem. Para que “bicha preta” não seja uma palavra, mas, sim, expressão transgressora de gênero, potência, emancipação, afirmação, precisamos nos aproximar de discursos que reconheçam todo esse poder. Mombaça (2021), na sua *Carta aberta às que vivem e vibram apesar do Brasil*, nos dá motivos para ter força na peruca¹² ao escrever:

[...] Lá onde estamos prestes a dissolver as ficções do poder que nos matam e aprisionam; lá, aqui, todas essas geografias onde fomos saqueadas, e **nos tornamos mais-do-que-aquilo que levaram;** onde fomos machucadas, e **nos tornamos mais do que um efeito da dor;** onde fomos aprisionadas, e **nos tornamos mais do que a brutalidade.** Lá, aqui, onde fomos assassinadas, e **nos tornamos mais velhas que a morte, mais mortas que mortas,** e nesse fundo – esse fora que não só não está fora como está dentro de tudo –, nesse cerne em que fomos colocadas, **fecundamos a vida mais-do-que-viva, a vida emaranhada nas coisas** (MOMBAÇA, 2021, p. 19, grifos nossos).

Em suma, a existência da bicha preta não se resume a resistência, embora também o seja. Há vida para-além-do-seu-trauma.

¹² “Força na peruca” quer dizer “força”, “motivação”.

AS CONTRA-CONCLUSÕES DESSE BABADO

Deixo que a mudança da palavra para expressão “bicha preta” fale por si só. Deixo que a potência se potencialize e as diversas interpretações que se poderá ter desse texto ressoem. Quem são elas, as bichas pretas, afinal? Por que não são identidades, mas *identidades*? Por que é expressão, emancipação, potência, e esse meio mundo de palavra mencionada ao longo do texto pela chave da afirmação? É só insulto ou só afirmação? Não há respostas. O que o texto faz é mobilizar perguntas, dúvidas, inquietações. Esse não é um manual ético, é experimento. Sem receitas, nem fórmulas. Só notas, rascunhos, rotas provisórias e ideias. Não objetivo nem de longe conclusões, pois admiro o gozo – e a beleza – na/da contra-conclusão. Esse texto é uma viadagem!

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 208 p. Tradução: Rogério Bettoni.

DERRIDA, Jacques. A lei do gênero. **Revista Tempo, Espaço, Linguagem (Tel)**, [S.L.], v. 10, n. 2, p. 250-281, jun. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987. 288 p. Tradução: Raquel Ramalheite.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. São Paulo: Autêntica, 2012.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 144 p.

PAIS, José M. A Simbologia dos Apelidos na Vida Cotidiana Escolar. **Educação & Realidade**, [S.L.], v. 43, n. 3, p. 909-928, set. 2018.

QUEBRADA, Linn da. Bixa Preta. Interprete: Linn da Quebrada. In: QUEBRADA, Linn da. **Bixa Preta**. São Paulo: Produção Independente, 2017. Música. Disponível em: <https://spoti.fi/3VOXQUT>. Acesso em: 15 out. 2022.

RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: j. butler leitora de j. derrida. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, [S.L.], n. 10, p. 140-164, abr. 2012.

STUART, Hall. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-133. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de (Orgs.). **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 77-94.